



As Novas Formas Narrativas do Jornalismo Online: A Procura de um Caminho¹

Glaíse Bohrer Palma² – Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE – MG

Aleta Dreves³ - Universidade Federal do Acre - UFAC

Resumo

Desde o começo do Jornalismo Online no mundo, muitos autores têm se dedicado a levantar possibilidades sobre novas formas de narrativas que façam uso das características da Web. Este artigo propõe um levantamento sobre as formas narrativas que surgiram, levando-se em conta as gerações distintas do Jornalismo Online, assim como as suas características, pontuadas principalmente pela leitura não linear possibilitada pela estrutura hipertextual. A discussão sobre o uso ou não da pirâmide invertida é levantada, percorrendo sobre as propostas de Salaverria e Canavilhas. Este artigo encerra na perspectiva de ter contribuído para a construção de uma forma, articulando entre o que já foi feito no que tange à narrativa jornalística na Web.

Palavras-chave

Jornalismo Online; Webjornalismo; Jornalismo Digital

Introdução

A renovação na forma das narrativas é realizada a partir das potencialidades que emergem junto ao surgimento do Jornalismo Online⁴. Não há como negar as implicações das novas tecnologias sobre os paradigmas do texto noticioso convencional. Alguns trabalhos vêm sendo feitos, propondo a reflexão sobre novas formas de narrativa e o melhor aproveitamento das características da Web na escritura dos relatos jornalísticos. Neste artigo, propõe-se discorrer sobre os principais trabalhos feitos a respeito, colocando também em questão a técnica tradicional da Pirâmide Invertida e sua validade para o Jornalismo Online, assim como novas propostas, quais sejam a Pirâmide Deitada (Canavilhas, 2006) e a utilização dos gêneros básicos de escrita (Salaverria, 1999) para construção narrativa. Trata-se de uma abordagem de natureza

¹ Trabalho apresentado no XVI Endocom – Encontro de Informação em Ciências da Comunicação.

² Docente do Curso de Comunicação Social da UNIVALE, mestre em Comunicação e Cultura pela UFRJ, responsável pela disciplina Jornalismo Online. E-mail: glaisepalma@yahoo.com.br

³ Docente do Curso de Comunicação Social da UFAC. E-mail: aleta@brturbo.com.br

⁴ Há uma discussão acerca da utilização dos termos como Jornalismo Digital, Jornalismo Online, Webjornalismo e Jornalismo na Web. Neste artigo utilizamos como sinônimos os termos acima mencionados, para denominar a produção jornalística que utiliza como suporte a WWW (World Wide Web) da Internet.



teórica, cujo propósito é provocar a reflexão, apontando os caminhos percorridos até aqui e suscitando questões.

Jornalismo Online

O Jornalismo Online começou sua jornada com o The New York Times na década de 70, disponibilizando resumos e textos completos passados a assinantes que possuíam computadores. No Brasil, o primeiro jornal transposto para a Web foi o Jornal do Brasil, em 1995. Logo os jornais foram tomando forma e experimentando características específicas da rede. Em 1996, o Universo Online lançou o Brasil Online (hoje Folha Online), primeiro jornal em tempo real em língua portuguesa da América Latina, com informações de agências de notícias e material produzido na redação, contando com vídeo e áudio complementando as matérias na web. Em 2000 surge o Último Segundo (US), criado pelo portal IG (Internet Grátis), que oferecia serviços gratuitos de provedor de internet, visando favorecer as classes C e D. O US é considerado por alguns como o primeiro jornal brasileiro produzido especialmente para o ambiente virtual (Ferrari, 2003) Também foi pioneiro em disponibilizar Blogs como ferramentas de interação com os leitores, que são chamados de Blig US.

Hoje podemos enquadrar o Jornalismo Online em três gerações distintas (Mielniczuk, 2001). A primeira geração foi aquela em que não existia a preocupação de desenvolvimento de uma nova narrativa para o jornalismo digital, mas apenas a transposição de parte do material impresso. O Jornalismo Online de segunda geração permanece atrelado ao jornalismo impresso, mas já dá as primeiras demonstrações de desenvolvimento e aproveitamento de algumas características potenciais da Web. Tratou-se na verdade, de uma adequação do modelo impresso ao modelo então em descoberta, com algum aproveitamento no que diz respeito à interatividade, com fóruns de discussão, abertura de mais espaço para comunicação com o leitor através do e.mail, começo do desenvolvimento das matérias com uso do hipertexto, e assim sucessivamente até chegarmos ao que temos hoje: jornalismo de terceira geração.

As empresas jornalísticas começam então a “otimizar” o espaço no Jornalismo Online, no sentido do melhor aproveitamento das características da rede, com a real convergência dos meios, possibilitando não só a leitura na Web, mas também proporcionando ao internauta o acesso a som, animação, imagens em movimento, com forma de explorar as potencialidades da rede.

Podemos observar na perspectiva de evolução do Jornalismo Online que, desde seu surgimento, o que demarca suas fases é exatamente a forma como a narrativa é construída. Ou seja, inicialmente de forma linear, com texto igual ao impresso. Logo depois, começa a ser estruturada uma narração que aproveita a característica hipertextual do meio, com o surgimento então de fóruns de discussão (como continuação de uma matéria, abrindo-se o tema ao debate), com o aproveitamento do e-mail como espaço para o leitor se comunicar, e assim por diante.

Afinal, como afirma Lopes (1998), se cada meio de comunicação possui sua linguagem própria, a rede, enquanto novo meio, também tem a sua. Neste contexto, é importante salientar o conceito de “meio” que temos na escritura deste artigo. Morris e Ogan (1996, apud Palácios, 2003) trazem algo esclarecedor sobre isso quando tratam da caracterização da Internet como meio de comunicação de massa, chamando a atenção para o fato de que o surgimento de uma nova tecnologia de comunicação força a repensar as definições e categorias em uso. Desse modo, os conceitos de meio e massa não podem ser precisamente definidos em todos os contextos, devendo ser sempre rearticulados, dependendo da situação concreta de análise. De fato, o que ocorre na Web é que vários meios estão presentes num único artefato tecnológico, trazendo para a cena comunicacional um suporte onde vários tipos de mídias diferentes convergem para um só. Assim, podemos dizer que “a forma básica do determinismo tecnológico relaciona o aparecimento de um dado meio de comunicação e a constituição de determinadas transformações culturais.” (Vaz, 2002) Neste ponto, vemos que a rede está sendo constantemente redesenhada pelo uso e pelas tecnologias que estão sendo inventadas, formando assim um novo meio de comunicação. De fato um “novo meio” que traz embutido em si os já existentes, com o avanço tecnológico permitindo maior velocidade e diferentes formatações, com novos artefatos, novos padrões e tecnologicamente à frente dos demais. Mais do que um instrumento de trabalho ou um suporte diferente para ter acesso aos mesmos meios (rádio, tv e jornal), a WWW é um espaço de produção, circulação e recepção de informações que modifica por si só a estrutura comunicativa tradicional dos meios de comunicação.

Se o hipertexto apresenta uma possibilidade de percurso de leitura diferenciado, porque continuaríamos nós a tratar a notícia da mesma forma, disponibilizando-a ao leitor de forma linear e pela ordem de importância que nós, enquanto jornalistas, decidimos que deve ter? O hipertexto ainda reconfigura a escrita e a leitura, favorecendo aspectos como a intratextualidade, intertextualidade, multivocalidade e o não fechamento do



texto. Como afirma Murad⁵ (2000) caracterizam a leitura através do hipertexto a “multiplicidade de possibilidades de experiências de tempo e espaço simultâneas, obrigatoriedade em decidir localmente e desconhecimento da totalidade”. Sendo assim, o modo de apreensão da realidade é modificado através da nova estrutura hipertextual. Este panorama descrito nos faz pensar que o novo meio deve ser utilizado para tornar efetivamente mais livre o modo de apreensão da realidade e a produção de sentido a partir dos múltiplos caminhos e signos existentes na Web. O hipertexto não pode ser pensado apenas como uma estrutura diferente da tradicional, onde se coloca o texto produzido com a mesma estrutura do impresso. Diante de um veículo impresso, cada leitor traça um percurso de leitura dentro de uma conexão pré-estabelecida, mas no Jornalismo Digital as conexões pré-existentes podem ser tão complexas e as possíveis narrativas a serem construídas podem ser tantas, quer seja pela atualização constante, pelo próprio formato hipertextual, pelo volume de informações ou pela possibilidade de convergência dos vários meios de comunicação.

É recente a discussão e os estudos acerca de uma nova narrativa para o Jornalismo Online. Na literatura online já é bastante difundida a narrativa hipertextual (Mielniczuk, 2005) e a exploração de novos modos de narrar, mas no Webjornalismo o que existe é acerca do hipertexto, subdivisões e nomenclaturas para links e algumas poucas propostas de novas construções narrativas para a notícia jornalística.

Em Busca de um Perfil do Leitor

De fato, não há clareza sobre as consequências da disseminação das novas tecnologias de comunicação para o jornalismo, especialmente no que tange a estruturação de uma modalidade narrativa específica para o Jornalismo no ciberespaço. Há de se levar em conta, na discussão sobre a narrativa jornalística na Web, a maior lentidão da leitura na tela do monitor, devido à sua fisiologia (Pinho, 2003), os tipos de leitores na Web (o que ainda carece de estudo), as possibilidades de utilização de links e que, de todo modo, o texto/conteúdo deve ser atraente, informativo e coerente para o leitor.

Pierre Lévy (1999) considera que existem dois tipos básicos de navegantes/leitores na rede: os que navegam sem rumo pré-definido, vagando entre páginas e assuntos diversos e outros que buscam dados específicos sobre determinado tema e lêem textos

⁵Disponível em <http://www.uff.br/mestcii/angele3.htm> acessado em maio 2006.

mais longos na rede. Neste sentido, existem pesquisas mensurando (por mecanismos que envolvem adoção de *softwares* para registro e descrição) os movimentos e atitudes do usuário de computador, como o projeto *Eyetrack* do Stanford Poynter Institute⁶ (2000). Técnicas de pesquisa como as aplicadas por Nielsen⁷ (1997) capturaram modos de leitura de páginas web, percebendo uma habilidade de “*scanner*” (rastreador) de páginas, o que indicaria ao produtor possibilidades para o formato do texto e da edição online. É importante salientar que muitos estudos ainda estão sendo feitos acerca do tema, e que não há dados conclusivos a respeito.

O Padrão Narrativo

Avança-se então para o jornalismo produzido especificamente para a rede, com uma narrativa onde a principal discussão é se devemos continuar a seguir o modelo convencional aprendido há décadas nas redações e nas escolas de comunicação ou um novo modelo é mais adequado (e qual seria este modelo?).

No século XX foi estabelecido um padrão textual conhecido como Pirâmide Invertida, como estrutura discursiva para organização de textos impressos. Essa estrutura segue uma ordem informacional decrescente, possibilitando ao leitor que, já no primeiro parágrafo, tenha as principais informações da notícia. A questão é pensar hoje se as mesmas vantagens que este padrão trouxe para o jornalismo impresso vêm ao encontro do jornalismo na Web.

Autores como Jacob Nielsen (1996) e Rosental Alves⁸ ainda pensam no modelo da pirâmide invertida nos meios online. Enquanto outros como Ramon Salaverria (1999) e Canavilhas (2006), consideram-na uma estrutura limitadora às potencialidades do meio digital. Partilhando da opinião que vê na rede possibilidades a serem desenvolvidas a partir de outras formas de narrativa é que se propõe neste artigo estar revendo o que já foi discutido e desenvolvido neste sentido.

Ramón Salaverria, em 1999, propôs o emprego dos tipos básicos de escrita (narração, descrição, exposição e argumentação) como um novo critério para organizar e redigir as informações jornalísticas na Internet. Segundo ele, as técnicas de redação clássicas da

⁶ Acessado em maio 2006, disponível em <http://www.poynterextra.org/et/i.htm>.

⁷ Acessado em maio 2006, disponível em <http://www.useit.com/alertbox/9703b.html>

⁸ Ver entrevista com Rosental Calmon Alves, “Uma linguagem em construção” realizada por Carlos Castilho em 11/1/2005. Disponível em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=311ENO002>, acessada em 13 de junho de 2006.

imprensa, especificamente o método denominado Pirâmide Invertida, simplesmente migraram para as publicações na Internet, com algumas adequações para possibilitar o aproveitamento das potencialidades hipertextuais do novo meio. Ao mesmo tempo em que o número de jornais digitais se multiplicava houve um certo consenso sobre as características a que devia observar todo o jornal para ter certa qualidade.

Entramos no século XXI ainda sem termos regras fixas para o Jornalismo Online, e todo “manual de redação” para a Internet propõe-se como experimental. No entanto, pode-se ver o constante e crescente aprimoramento dos jornais digitais, seguindo a evolução tecnológica que vem a ofertar programas mais rápidos, máquinas mais leves e simples, barateamento na acessibilidade, assim como desenvolvimento na convergência dos meios. Neste contexto, de crescente inovação instrumental, é necessário que pensemos no desenvolvimento de uma narrativa própria para o Jornalismo Online. Como afirma Salaverria, uma vez mais na história do jornalismo os avanços técnicos não vêm acompanhados de uma evolução paralela nas rotinas profissionais. No Brasil na década de 90, constatou-se que, em sua maioria, os jornais online eram feitos a partir de transposições. A partir do ano 2000, o conteúdo de produção própria para internet aumenta, lembrando sempre que os jornais online não são desenvolvidos com cunho próprio só para informação, são participantes de portais, que agregam outros serviços além da informação.

Problemas da Transposição

Além do não aproveitamento das potencialidades da Web, a simples transposição do texto do jornal impresso para a rede acarreta outras problemas, listados a seguir, de acordo com Salaverria.

Extensão: os textos pensados para a edição em papel são, muitas vezes, muito extensos para a leitura em tela obrigando o leitor a rolar a página diversas vezes o que torna a leitura cansativa.

Temporalidade: as notícias do jornal impresso pressupõem que aconteceram na véspera da edição, muitas vezes suprimindo detalhes de temporalidade. Ao transpor isto para a rede, com certeza acarretará confusão, pois o conceito de tempo na Web é diferente, visto que pode ser atualizado e acessado 24 horas por dia. Os conceitos de hoje, agora, esta manhã, são insuficientes num ambiente onde as notícias se atualizam em minutos.

Títulos pouco criativos: Salaverria destaca que a titulação incompleta, com palavras imprecisas e sem “apoios informativos” impossibilita a compreensão de certos títulos na internet. Os meios impressos normalmente apresentam mais ícones de apoio, permitindo a interpretação do sentido real do texto como um todo. Mas o veículo digital, muitas vezes com menos elementos colocados na mesma tela, pode suscitar a dificuldade de compreensão por parte do leitor.

E como última dificuldade da transposição do impresso para a Web, pode-se observar a falta de critérios claros para o uso de links hipertextuais. O link pode levar a um acréscimo de conteúdo sobre o mesmo tema, como entrevistas, memória do caso, textos de outras edições sobre o tema, ou ainda, pode levar a páginas externas, com textos que já foram escritos anteriormente, fotos, gráficos, etc.. De todo modo é, muitas vezes, uma incógnita para o leitor o que poderá encontrar adiante ao percorrer os links de um texto na internet. Isso se deve ao fato de não haver uma sequência informativa pressuposta na produção de um texto na rede.

A primeira mudança estrutural que o jornalismo digital apresenta é a infinitude de espaço, ou seja, não há mais a justificativa para colocarmos as principais informações no começo do texto para que, se houver necessidade de encurtá-lo e cortar certas partes, não se perca o principal.

Outra característica da estrutura da web é o hipertexto, que possibilita, junto ao espaço ilimitado e a facilidade de armazenamento, a abertura a partir de um texto base para muitas outras páginas com informações afins. Pela primeira vez está nas mãos do leitor a decisão sobre qual caminho seguir em sua busca pela informação. Pode-se decidir desde fazer uma pesquisa detalhada sobre o tema em questão, ou então apenas “passar os olhos” nos principais tópicos expostos sobre determinado assunto.

O leitor pode ainda decidir a partir de que mídia ele vai ficar informado sobre os fatos do dia, seja por vídeo, som, texto ou outras ferramentas de multimídia, como animações em flash e/ou 3D. Se, por um lado, a formatação textual rígida não “combina” com as novas exigências do ambiente digital, por outro lado a organização hipertextual pressupõe uma organização muito criteriosa dos elementos informacionais, no intento de possibilitar uma coerência e amplitude entre os diversos links.

Salaverria propõe a recuperação de modalidades básicas de enunciação, quais sejam: a narração, a descrição, a exposição e a argumentação. Situando estes tipos básicos de texto em um nível anterior ao dos gêneros jornalísticos, afirma que estas quatro categorias compõem na verdade as unidades estruturais de sentido dentro dos gêneros

jornalísticos tradicionais. Por exemplo, um editorial pode conter passagens descritivas e/ou narrativas, enquanto uma notícia pode conter elementos descritivos e/ou expositivos, e assim por diante. Mas o que o autor propõe é a decomposição do texto jornalístico em unidades autônomas e distintas, variando sua modalidade entre as quatro categorias básicas apresentadas. Poderíamos ter então um texto base expositivo e, a partir dele, através da estrutura hipertextual, um texto descritivo sobre o local onde o fato ocorreu, um outro link com texto expositivo dando conta de mais informações que ajudem a explicar o evento, assim como fotos, infográficos, vídeos, mapas, fazendo parte de uma estrutura reticular. Estes módulos autônomos estariam interligados entre si e todos com o texto base, conformando uma estrutura de partes independentes, disponibilizando ao leitor o alargamento da possibilidade de personalização do caminho a ser percorrido na busca pela informação.

Pirâmide Deitada: uma outra possibilidade

Como uma outra proposta na construção da narrativa jornalística Canavilhas(2006) propõe a “Pirâmide Deitada”. O autor defende a utilização de uma nova forma de narrar afirmando que

a identificação de uma linguagem que tire partido das características oferecidas pelo meio, por exemplo, tem sido condicionada pela instabilidade resultante do rápido desenvolvimento das tecnologias de acesso e pelo desequilíbrio geográfico que se verifica no campo do acesso à internet.

Em virtude também do grande número de pessoas no mundo com acesso de baixa velocidade à rede, o texto continua sendo o elemento mais usado no jornalismo que se faz na Web. Também por questões referentes a dificuldades econômicas, as empresas recorrem aos conteúdos já existentes, adotando assim a mesma estrutura narrativa da imprensa escrita.

Robert Darnton (1999 apud Canavilhas 2006) propõe uma arquitetura em camadas onde o leitor pode definir seu percurso de leitura. Canavilhas, a partir da proposição de Darnton, preparou um modelo para investigação, produzindo 10 páginas web interligadas, analisando os movimentos de leitura feitos por 39 leitores. Foi grande a porcentagem de leitores (77%) que seguiu seu próprio percurso de navegação, chegando a 22 caminhos entre os 55 possíveis. Como conclusão, o autor afirma que o trabalho de redação implica jogar com 2 variáveis: dimensão (quantidade de dados) e estrutura

(arquitetura da notícia). Deste modo, compreende-se que o modo de conceber a notícia para jornal impresso é diferente do modo de concepção para a web. Enquanto no primeiro a dimensão do texto é fundamental, visto o espaço finito definido, o segundo tem espaço ilimitado e, por isso, a atenção tem de ser centrada na estrutura.

Ao se falar em estrutura da notícia, podemos pensar logo em 3 possibilidades – lineares, reticulares ou mistas (Dias, Noci y Salaverria, apud Salaverria). Na estrutura linear o leitor é condicionado a um número de possibilidades finita de navegação. Na estrutura reticular, não existe eixo de leitura definido, mas sim diversas possibilidades garantidas por um formato em rede, onde há espaço livre para escolher o seu percurso único e singular. Já as estruturas mistas apresentam um eixo de leitura (como a estrutura linear) mas várias possibilidades de individuação em seu percurso.

Em todas estas formas estruturais o hipertexto está presente, e é ele que nos mostra que continuar a usar a pirâmide invertida é desperdiçar o potencial de liberdade e personalização da leitura contida na web. Assim, Canavilhas propõe uma representação gráfica da pirâmide invertida onde o conteúdo é desenvolvido de modo que não há organização informativa em função de sua importância e sim em função da quantidade e variedade de informação disponibilizada.

Deste modo, chega-se a um desenho onde se tem quatro níveis de leitura: Unidade Base (lead: o que, quem, quando, onde). Nível de Explicação: por que e como. Nível de Contextualização, com mais informações. Nível de Exploração, ligando a arquivos externos. Temos então a seguinte estrutura, como colocado abaixo:

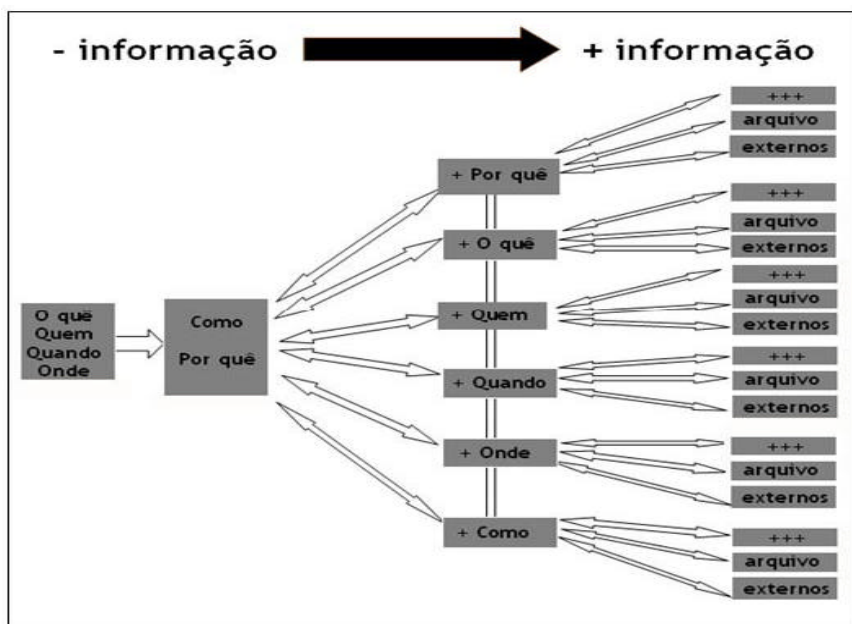


Figura 01 – Desenho de Níveis de Leitura - Fonte: Canavilhas, 2006

O autor ressalta que “embora estejam claramente definidos os níveis de informação, não há uma organização dos textos em função da sua importância informativa, mas uma tentativa de assinalar pistas de leitura” Deste modo, as páginas não perdem o grau de coerência entre si, assim como existem possibilidades de interconexão e percurso de leitura variados. Não estamos dizendo ao leitor o que é mais importante em sua leitura, definindo seu caminho, mas deixando livre o espaço para que o navegador descubra e defina seu próprio trajeto. Assim, o desenho sugere uma pirâmide deitada:

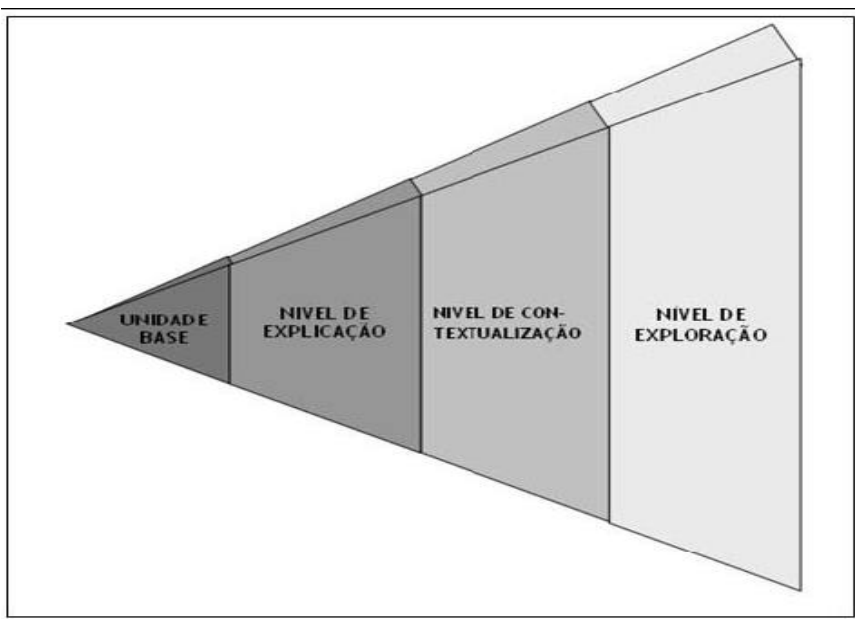


Figura 02 – Pirâmide Deitada - Fonte: Canavilhas, 2006.

Nesta proposta, tanto o leitor scanner como aquele que lê um texto em profundidade são atendidos ao ter, na unidade base, o lead da notícia.

A teia formada através do hipertexto permite que o leitor caminhe de um lugar a outro do texto de forma interativa, criando uma rede de associações que lhe permitem estado individual de percurso. A conectividade é a característica essencial do hipertexto que, através de blocos de textos e imagens interligados, estimula o encadeamento de idéias e contextos. Através da narrativa construída de maneira “horizontal” (no que diz respeito a vários textos interligados entre si, sem a hierarquização que daria forma “vertical” à estrutura) é possível dinamizar o processo de leitura, assim como inferir liberdade à forma como o texto será lido.

À medida que consideramos a narrativa como um lugar privilegiado de articulação e de produção de sentidos, ela passa a ter um caráter central porque através de sua manifestação as pessoas constroem significações. É através da percepção narrativa e

com o auxílio da memória pessoal ou coletiva que as pessoas estabelecem seqüências temporais, constituem o sentido de continuidade, vinculam passado, presente e futuro. As ocorrências relatadas desencadeiam não apenas os processos cognitivos imediatos, mas proporcionam igualmente a inteligibilidade das emoções humanas. Por tudo isso, novas estruturas para o texto produzido para a Web tem de ser pensadas. Não há a idéia de construção de fórmulas acabadas em si para um tema tão novo e em expansão quanto o que tratamos neste trabalho, mas sim a reflexão e discussão dos pressupostos que a envolvem.

Conclusão

Procuramos, assim, esclarecer que novas formas de narrativa têm de ser efetivamente pensadas e desenvolvidas e que não há como pensar em Jornalismo na Web através do mesmo conceito de construção textual feito até agora com o uso da Pirâmide Invertida. Não se propõe o fim da técnica utilizada desde a década de 50 para construção do texto jornalístico, mas pensamos que novas formas de narrativa, acrescentando componentes a esta estrutura ou ainda modificando algumas coisas na mesma seja pertinente e até indispensável.

Referências Bibliográficas:

CANAVILHAS, João (2001) *Webjornalismo: considerações gerais sobre o jornalismo na web*. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf>. Acessado em março 2006.

_____ (2006) *Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada*. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>. Acessado em maio 2006.

FERRARI, Pollyana. *Jornalismo Digital*. Editora Contexto: São Paulo, 2003.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOPES, Anabela de Sousa. *Notícias na Internet: Um Novo Jornalismo?* (1998) Comunicação apresentada no V IBERCOM: “A mediatização do espaço público”, Porto, Novembro 1998. Registro impresso.



MIELNICZUK, Luciana. *Características e implicações do jornalismo na Web*. 2001. disponível em http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2001_mielniczuk_caracteristicasimplicacoes.pdf Acessado em maio 2006.

_____. *A Pirâmide Invertida na época do Webjornalismo: tema para debate*. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002. Trabalho apresentado no NP08 – Núcleo de Pesquisa Tecnologias da Informação e da Comunicação, XXV

_____. *O Link como Recurso da Narrativa Jornalística Hipertextual*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM.

MORAES, Franci. *Linguagens do Jornalismo: A narrativa online*. Disponível em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=265DAC002>. Acessado em 12 de junho de 2006.

MORRIS, Merrill & OGAN, Christine. *Journal of Computer Mediated Communication*. Disponível em <http://www.ascusc.org/jcmc/vol1/issue4/cover.html> (1996) apud PALACIOS, Marcos. *Fazendo Jornalismo em Redes Híbridas: Notas para discussão da Internet enquanto suporte mediático*. (2003) Disponível em http://www.fca.pucminas.br/jornalismocultural/m_palacios.doc Acessado em maio 2006.

NIELSEN, Jakob (1996) *Inverted Pyramids in Cyberspace*. Disponível em <http://www.useit.com/alertbox/9606.html> Acessado em maio 2006.

PINHO, J.B. *Jornalismo na Internet: Planejamento e Produção da Informação On-line*. São Paulo: Summus, 2003.

SALAVERRIA, Ramón (1999) *De la pirâmide invertida al hipertexto*. Disponível em <http://www.unav.es/fcom/mmlab/mmlab/investig/piram.htm> Acessado em março 2006.

VAZ, P. *O Determinismo Tecnológico e o Conceito de Interatividade*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25., 2002, Salvador. Anais... São Paulo: Intercom, 2002. CD-ROM